

Adquira o livro Nova Legislação



Fique por dentro de toda a legislação de produtos lácteos. Edição revisada, ampliada e comentada por diversos especialistas e coordenada pela equipe técnica do Tecnolat/Ital e da Allegis Consultoria.

Portarias do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Secretaria de Vigilância Sanitária / Ministério da Saúde

Parte I – Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade de Produtos Lácteos

Portarias 16/85, 146/96, 352/97, 353/97, 354/97, 355/97, 356/97, 357/97, 358/97, 359/97, 360/97, 361/97, 362/97, 363/97, 364/97, 365/97, 366/97, 369/97, 370/97, 379/97
Instruções Normativas nº 37/2000, 53/2000, 30/2001 – Anexo I, II e III, 24/2002, 16/2005, 26/2007, 27/2007, 28/2007, 45/2007, 46/2007, RDC 05/2000, 267/2003 e 266/2005.

Parte II – Outros Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade de Produtos Lácteos

Portaria nº 29/98 e nº 31/98.

Parte III – Análise e Comprovação de Propriedade Funcional e/ou Saúde

Resolução nº 17/99, 18/99 e 19/99.

Parte IV – Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite

Instruções Normativas 48/2002, 51/2002, 53/2002, 75/2003 e 22/2009.

Parte V – Métodos Analíticos Oficiais

Instruções Normativas 62/2003, 68/2006, 69/2006, 14/2007, 11/2009 e 7/2010.

Parte VI – Rotulagem de Alimentos Embalados

Portaria 27/98, Instrução Normativa 22/05, Lei 11.265/06, Lei 11.474/07
RDC nº 222/02, RDC nº 359/03, 360/03, 269/05, 163/06.

Parte VII – Controles Sanitários, Padrões Microbiológicos e Segurança Alimentar

Portarias nº 368/97, 46/98, Resoluções 12/2001 e 10/2003.

Pedido do livro

R\$ 189,00

Forma de pagamento:

Pedidos diretamente no site
www.revistalaticinios.com.br
ou depósito bancário
Bradesco, agência 2403-1
Portal do Morumbi, c/c 22.584-3 –
Setembro Editora
(Ana Carolina Senna de Souza-ME)

**Conheça e adquira
nossos outros livros no site
www.revistalaticinios.com.br**

Balanço 2012 e Perspectivas 2013

Presidentes e profissionais de entidades, área acadêmica e órgãos federais analisam sob a ótica de suas áreas de atuação, o movimento do setor leiteiro no Brasil e no exterior em 2012 e apontam as tendências para 2013.

Como 2012 foi marcado pela comemoração do Ano Internacional das Cooperativas, esta edição traz a história e ações de tradicionais cooperativas mineiras e da emergente produção de leite no Nordeste. Confira as tendências para 2013 na visão de renomados especialistas, em artigos exclusivos.

18 Produção de leite no Brasil: desafios

José Alberto Bastos Portugal e Rosangela Zoccal

20 Balanço do mercado de leite em 2012 e perspectivas para 2013

Rafael Ribeiro de Lima Filho

22 Visão do mercado internacional

Carlos Humberto Mendes de Carvalho

23 Balanço do setor em 2012

João Antônio Fagundes Salomão e Anna Alves

24 Oportunidades e desafios da cadeia produtiva

Denis Ribeiro e Amílcar Lacerda

25 O mercado do leite em Alagoas e as perspectivas para 2013

Aldemar Monteiro

26 Consumo

Dados Ipsos Marplan

28 Mercado

Dados Data Market Intelligence Brasil

29 Cadeia de produtos: Tendências e Perspectivas

*Antonio Fernandes de Carvalho, Ítalo Tuler Perrone
e Laura Fernandes Melo Correia*

30 O Cooperativismo na cadeia do leite em Minas Gerais

Marco Tulio Borgatti

32 Cooperativismo: Da defesa ao ataque

Jacques Gontijo

33 Balanço e perspectivas para o setor

Geraldo Alvim Dusi

Produção de leite no Brasil: desafios

*José Alberto Bastos Portugal e Rosângela Zoccal

*Pesquisadores da Embrapa Gado de Leite

A pecuária de leite no Brasil, além de ter contribuído com R\$ 34,3 bilhões do PIB da Pecuária, tem apresentado crescimento médio de 5% ao ano, chegando a 32 bilhões em 2011 e estimativa de 33,7 bilhões de litros de leite para 2012 (PPM/IBGE, 2012; SIQUEIRA (2012). Esse percentual é maior que a média do aumento da produção mundial, o que mantém o Brasil em quinto lugar no ranking mundial de produção de leite, com grandes chances de superar a Rússia (4ª posição).

A alta dos preços pagos ao produtor, de janeiro a maio (3,2%) não se sustentou, iniciando uma queda em junho, que chegou a 2,8% em setembro.

Apesar disso, o ano de 2012 não foi fácil para a produção de leite no Brasil. A alta dos preços pagos ao produtor de janeiro a maio (3,2%) não se sustentou, iniciando uma queda em junho, que chegou a 2,8% em setembro. O recuo acumulado em outubro atingiu 5,5% em termos reais, descontando-se a inflação (IPCA), na comparação com 2011 (SCOT CONSULTORIA, 2012; CEPEA, 2012).

O aumento dos custos de produção, a estiagem e as importações de lácteos foram fatores de interferência nesse processo. Os custos de produção de leite, envolvendo principalmente os insumos, estão 20% maiores, quando comparado com mesmo período em 2011 (referência – outubro 2011/2012). O impacto do longo período de estiagem pode ser representado pela queda de 0,5% na captação de leite entre agosto e setembro (CEPEA, 2012). Esse cenário atingiu também a indústria, que tem encontrado dificuldades de repassar o preço do leite para os derivados, e o mercado atacadista, que registrou, por exemplo, um aumento de 3,1% no preço médio do leite UHT em outubro (SCOT CONSULTORIA, 2012).

O Plano Nacional de Capacitação em Qualidade do Leite, se implantado, poderá criar uma importante perspectiva para a melhoria da qualificação e capacitação dos agentes que atuam na produção primária.



Rosângela Zoccal e José Alberto Bastos Portugal

A produção de leite nas regiões

A região Sul tem se destacado pelo aumento da produção de leite, que cresceu 45% nos últimos cinco anos (3,1 bilhões de litros de leite). O incremento da produção de leite no Nordeste e Centro Oeste foi de 28% (1 bilhão de litros de leite) e na Região Sudeste, 16% (1,5 bilhão de litros de leite). O Norte do País praticamente manteve o mesmo volume, com uma pequena redução (1%) entre 2006 a 2011 (Figura 1).

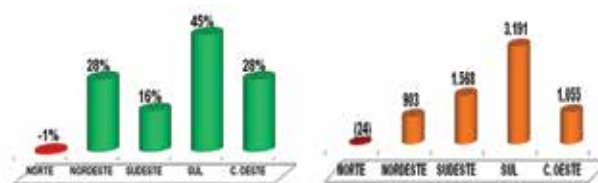


Figura 1. Mudanças na produção de leite no período de 2006 a 2011, nas grandes regiões brasileiras.

O aumento da produção de leite na Região Sul a partir de 2006 é um exemplo do potencial da cadeia do leite nacional, com uma produção de 1,2 bilhão no Rio Grande do Sul, 1,1 bilhão de litros no Paraná e de 821 milhões de litros de leite em Santa Catarina. O volume de leite produzido na Região é superior à produção chilena (2,5) e a uruguaia (1,8) e equivalente a 30% do volume total produzido na Argentina. O Chile, Uruguai e Argentina são países exportadores de lácteos para o Brasil. Esses dados mostram a capacidade que o País tem para atender a demanda interna e entrar no mercado internacional de leite e derivados, não como comprador, como tem acontecido nos últimos anos, mas como um importante exportador de lácteos.

A região Sul tem se destacado pelo aumento da produção de leite, que cresceu 45% nos últimos cinco anos (3,1 bilhões de litros de leite).

Na Região Sudeste, se observa duas situações distintas. O crescimento da produção em Minas Gerais e a redução em São Paulo, onde o leite está sendo substituído por outras atividades do agronegócio. No Centro Oeste, o destaque foi Goiás, que atingiu 868 milhões de litros de leite, seguido de Mato Grosso (159 milhões) e Mato Grosso do Sul (31 milhões). Os maiores registros de produção na Região Nordeste ocorreram na Bahia (276 milhões) e em Pernambuco (323 milhões). Rondônia (69 milhões) e Tocantins (50 milhões) foram os destaques na Região Norte (Figura 2).

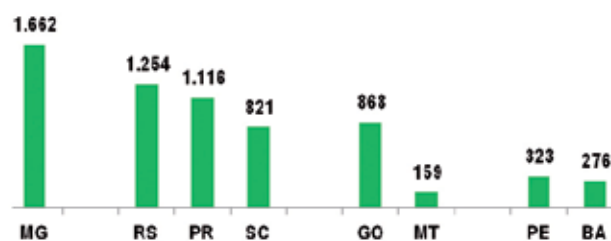


Figura 2. Crescimento da produção de leite no período de 2006 a 2011, em alguns estados brasileiros.

Além dos números: os desafios para a competitividade

O ano de 2012 está sendo marcado por importantes ações que deverão contribuir para o avanço do setor a curto e em longo prazo. O Plano Nacional de Capacitação em Qualidade do Leite, se implantado, poderá criar uma importante perspectiva para a melhoria da qualificação e capacitação dos agentes que atuam na produção primária.

Hoje, apenas 21% do efetivo do campo detêm um grau de instrução acima do nível fundamental. Uma formação de qualidade poderá ser decisiva na apreensão e aplicação de tecnologias dirigidas para a produção, que tende a se tornar cada vez mais tecnificada.

Outro fator limitante ao desenvolvimento está no enfraquecimento dos serviços de assistência técnica e extensão rural. Dados do Censo Agropecuário 2006 indicaram que apenas 22,1% dos estabelecimentos agropecuários receberam algum tipo de assistência técnica naquele ano. A

possibilidade de resgate do sistema brasileiro de assistência técnica e extensão rural cria uma nova perspectiva de restabelecer o elo de ligação da pesquisa com o campo.

Os investimentos da pesquisa em áreas estratégicas, como biotecnologia (nanotecnologia e genômica), bioenergética e automação e tecnologias da informação e comunicação, tendem a se reverter em ganhos de produtividade, qualidade, eficiência e sustentabilidade.

A produção de leite de qualidade também encontra importantes aliados. Destaca-se a campanha lançada pela Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA, que tem como lema “Vamos fazer do nosso leite um campeão em qualidade e sabor!”, que contempla um projeto sobre produção de leite de qualidade. O objetivo do projeto é de melhorar a qualidade do leite produzido no Brasil, atendendo as exigências legais da Instrução Normativa 62/2011, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Em novembro de 2012 ocorreu também importante ação relacionada ao setor, que foi a estruturação das diretrizes para a composição da Política Nacional do Leite, com a participação de diferentes setores da cadeia, liderado pela Subcomissão Permanente de Leite (SUBLEITE/CAPADR), da Câmara dos Deputados.

De concreto, o que se espera a partir de 2013 é que o crescimento da produção brasileira de leite, mostrado pelo IBGE, que reflete a grande capacidade do País em expandir o volume de leite produzido, associado às diferentes ações de pesquisa, extensão e políticas públicas, possam efetivamente contribuir para tornar a cadeia do leite competitiva.

Os investimentos da pesquisa em áreas estratégicas, como biotecnologia (nanotecnologia e genômica), bioenergética e automação e tecnologias da informação e comunicação, tendem a se reverter em ganhos de produtividade, qualidade, eficiência e sustentabilidade.

Balanço do mercado de leite em 2012 e perspectivas para 2013

*Rafael Ribeiro de Lima Filho

*Zootecnista da Scot Consultoria

Em 2012, o mercado de leite foi marcado pela pressão de baixa sobre os preços pagos ao produtor em plena entressafra e pela alta dos custos de produção.

Além da demanda mais comedida por lácteos no primeiro semestre, com estoques elevados para produtos como o leite longa vida, as importações de produtos lácteos em alta e o aumento da produção no Sul do país pressionaram as cotações para baixo.

Considerando o preço médio do leite do pagamento de janeiro a outubro deste ano, o produtor recebeu R\$0,806 por litro de leite (média nacional), segundo levantamento da Scot Consultoria.

O preço médio em 2012, até o pagamento de outubro, é 1,3% maior em relação ao mesmo período do ano passado. Veja na figura 1 o preço do leite ao produtor, média nacional, desde janeiro de 2011

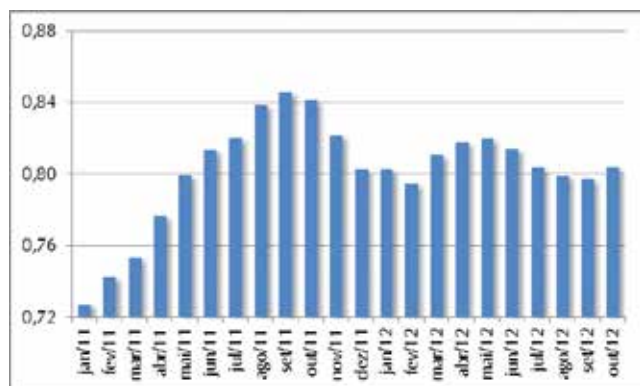


Figura 1.
Preço do leite pago ao produtor, média nacional, valores nominais - em R\$/litro.

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Observe que os preços do leite ao produtor caíram 2,8% em plena entressafra.

A partir de setembro, com os estoques de lácteos mais enxutos e a maior concorrência entre os laticínios, em função da queda na captação devido ao clima seco e a alta de preços dos alimentos, o mercado retomou a firmeza e os preços subiram no pagamento de outubro.

A expectativa é de alta de preços até o pagamento de novembro, que remunerará a produção de outubro. Os aumentos variam de R\$0,01 a R\$0,04 por litro em relação ao pagamento de outubro, conforme a região.



Rafael Ribeiro de Lima Filho

Com as recentes chuvas, a expectativa é de que a produção aumente já a partir de meados de novembro no Brasil Central. Em termos de oferta de leite, o cenário é mais complicado no Nordeste.

Além do aumento da produção nas principais bacias, o final de ano e começo de ano são períodos de menor demanda por lácteos, em função das férias e festas. Ou seja, o mercado deve perder a sustentação em curto prazo.

"Analisando o mercado de leite em termos de preços, temos que o cenário não foi ruim em 2012. Os preços ficaram acima da média de 2011, sem considerar a inflação no período. O problema foi o aumento dos custos de produção, em especial para os alimentos concentrados."

Para o pagamento de dezembro, a expectativa, segundo os laticínios pesquisados pela Scot Consultoria, vai de manutenção a queda nos preços do leite ao produtor.

A alta do custo de produção estreitou a margem para o pecuarista em 2012

Analisando o mercado de leite em termos de preços, temos que o cenário não foi ruim em 2012. Os preços ficaram acima da média de 2011, sem considerar a inflação no período.

O problema foi o aumento dos custos de produção, em especial para os alimentos concentrados.

O farelo de soja subiu 116,4% de dezembro do ano passado até setembro de 2012. Já o milho, em dois meses (julho e agosto) ficou 46,0% mais caro, pegando muitos produtores de surpresa.

Considerando que os custos com alimentação concentrada representam entre 20,0% e 40,0% dos custos operacionais da atividade leiteira, conforme o sistema de produção, a alta de preço dos farelos e do milho teve um peso grande no custo final.

Este quadro se agrava ainda mais em um cenário de falta de chuva e maior necessidade de suplementação do rebanho, como foi em 2012.

Segundo o Índice Scot para o Custo de Produção de Leite, os custos da atividade aumentaram 1,5% em 2012 (janeiro a novembro), em relação ao mesmo período de 2011. Veja a figura 2.



Figura 2.

Índice Scot para o Custo de Produção de Leite. Base 100 = agosto de 1994.

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Cabe destacar que o aumento foi em cima de um ano em que os custos de produção subiram fortemente.

Perspectivas para 2013

O atual patamar de preço do leite ao produtor deve se manter em 2013, podendo a média fechar até mais alta em relação a 2012.

A crescente concorrência entre as indústrias é um fator positivo para o mercado, principalmente para o produtor.

Outro ponto é que o consumo de lácteos vem aumentando no Brasil e existe espaço para crescer ainda mais. O aumento da renda do brasileiro e a diversificação dos produtos lácteos colaboram com a crescente demanda por leite e derivados no país.

Atualmente, o brasileiro consome, em média, 170 litros de leite por ano. Este volume é abaixo do que recomenda o Ministério da Saúde, de aproximadamente 210 litros por habitante por ano.

Além disso, tem produtor reduzindo a produção ou até mesmo liquidando o rebanho leiteiro diante dos custos em alta e da pressão sobre os preços ao produtor. Ou seja, a concorrência entre os laticínios em 2013 pode ser maior que este ano.

“O atual patamar de preço do leite ao produtor deve se manter em 2013, podendo a média fechar até mais alta em relação a 2012.”

Do lado dos custos de produção teremos mais um ano de incertezas e possíveis fortes oscilações de preços como em 2012.

Porém, a princípio é esperado um patamar de preço menor para a soja e derivados, grandes vilões dos custos de produção em 2012.

Isto em função do aumento da área plantada e expectativa de produção recorde no Brasil e Argentina, o que cobriria em parte o rombo verificado na safra norte-americana.

É preciso dizer, no entanto, que o clima é sempre uma incógnita. E o clima tem reflexo direto sobre a produção de leite e grãos.

Por isso, o planejamento da atividade leiteira e a estratégia de compras de insumos são fundamentais para o sucesso e bons resultados na pecuária.

“A crescente concorrência entre as indústrias é um fator positivo para o mercado, principalmente para o produtor.”

Visão do mercado internacional

**Carlos Humberto Mendes de Carvalho*

**Presidente do Sindileite do Estado de São Paulo*

Hoje o cenário mundial sinaliza recessão com aversão ao risco. A Europa está em recessão e terá uma recuperação lenta. Os Estados Unidos estão crescendo menos, pratica juros próximos a zero e informa que, até 2015, vão permanecer em zero. O Japão já pratica juros zero, há mais de 10 anos, e a recuperação que sinalizou em 2011, não aconteceu em 2012. A China está em desaceleração.

Em resumo, os Bancos Centrais dos países desenvolvidos injetaram 10 trilhões de dólares para incentivar a economia mundial e a maioria até aceita ter um pouco de inflação, desde que a demanda aumente.

Até o Banco Central brasileiro, no presente, é a favor da prioridade do crescimento.

No mercado de lácteos, a produção permanece ainda boa nos países exportadores, embora os produtores já estejam preocupados com os aumentos de custos, sem a indústria conseguir repassar ao mercado e terem seus preços estagnados ou com tendência de queda.

Dentro de 100 dias, já começará a colheita de milho e soja no hemisfério Sul e a previsão é que seja recorde. Não acredito em reação dos lácteos em curto prazo no mercado internacional e, sim, em estabilidade com pequenas oscilações para cima ou para baixo.

Mercado brasileiro

Na crise anterior, a China descolou da crise e o Brasil seguiu junto. No momento, a China está desacelerando, pois seu modelo exportador já dá sinais de saturação e encontra dificuldades, já que seu principal cliente, que é a Europa, está em recessão e deve permanecer.

No presente, nossos melhores compradores de produtos, China, Estados Unidos e Argentina, estão reduzindo suas importações.

Em 2012, o Brasil crescerá o que o mundo permitir que cresça. Seria uma temeridade o Brasil pisar no acelerador, quando o mundo estiver pisando no freio.

Mercado brasileiro de lácteos em 2012

Iniciamos o ano com produção com tendência de alta, mas tivemos fevereiro e março com chuvas irregulares e a produção prevista foi inferior. A indústria manteve a tendência de alta de preço ao produtor e não conseguiu repassar seus custos ao varejo, pois o consumo, embora bom, estava abaixo do esperado.

No final de abril, as chuvas vieram com regularidade, a produção no Sul reagiu bem e terminamos o 1º semestre com boa produção, consumo relativamente bom, embora abaixo do previsto, e a indústria reclamando de sua lucratividade inexistente.

No segundo semestre, as chuvas escassearam até meados de outubro no Centro Sul, a demanda por lácteos continuou com pequena tendência de alta e a oferta de leite ficou temporariamente inferior à demanda. O leite spot subiu, a tendência de queda de preços ao produtor inverteu e houve aumentos de preços aos produtores e a indústria até conseguiu alguns reajustes junto aos varejistas.

Devemos terminar novembro com a produção atendendo ao consumo, com importações em queda.

A partir de dezembro, a produção será superior à demanda e a indústria será obrigada a fazer estoques até março.

Em resumo, tanto o produtor, como a indústria, terminarão o segundo semestre com pequena recuperação de preços, embora a lucratividade esteja abaixo da desejada e necessária para o setor industrial.

2013

Tivemos a inclusão de 40 milhões de novos consumidores no Brasil nos últimos anos. Não haverá novas ondas de novos consumidores, mas sim um crescimento gradativo e sem muita aceleração.

"Tivemos a inclusão de 40 milhões de novos consumidores no Brasil nos últimos anos. Não haverá novas ondas de novos consumidores, mas sim um crescimento gradativo e sem muita aceleração".

Não podemos esperar nova valorização do real, como antes, que aumentava o consumo dos importados, ajudava a segurar a inflação, crédito abundante que estimulava o consumo, gasto público sustentado por alta carga tributária e aumento de salário mínimo acima de 14% (2012).

Hoje, o governo vai segurar o câmbio e os juros, pois não quer perder a guerra que está ganhando. A palavra agora é "Reformas para a Produtividade".

"Caiu a ficha" do governo de que para o Brasil crescer, tem que haver mobilização do setor privado para investir. Essa será a grande mudança, pois somente juros e câmbio não resolvem para obter PIB acima de 3%.

A iniciativa privada precisa acreditar e investir, pois o investidor de fora está investindo somente neste ano, US\$ 65 bilhões, e ainda pode aumentar o valor, se o investidor brasileiro, que está hoje cauteloso, acreditar no Brasil.

Penso que o governo federal tudo irá fazer para facilitar estas mudanças.

Continuaremos, em 2013, com um aumento ainda razoável de consumo de lácteos e a produção nacional em ascensão moderada. Alguns produtos lácteos serão beneficiados com demandas superiores aos demais, como queijos, yogurtes e bebidas lácteas.

Balanço do setor em 2012

¹João Antônio Fagundes Salomão e ²Anna Alves

¹Coordenador Geral para Pecuária e Culturas Permanentes do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento)

²Chefe de Divisão de Pecuária do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento)

O setor de laticínios tem uma grande importância econômica e social para o país, sendo exercida na maioria dos municípios brasileiros, envolvendo mais de 1,3 milhão de estabelecimentos. A produção brasileira de leite cresceu em um ritmo de 4,8% ao ano nos últimos cinco anos. No sul do país, importante pólo pecuário, o crescimento foi de 7% ao ano neste período. Os primeiros dados divulgados indicam que nesse ano a produção do leite brasileiro deve aumentar 4% em relação ao ano passado.

No ano de 2012 destacaria o aumento do custo de produção como um dos grandes desafios enfrentados pelos produtores, decorrente da menor safra americana de grãos e sua importância na oferta mundial. Também os laticínios fazem esforços para ajustar suas finanças na medida em que os aumentos do preço do leite, sua matéria prima, não foi repassado aos consumidores. Esta é uma matemática que afeta a cadeia como um todo. Produtores e laticínios estão com as margens pressionadas pelo seu custo de produção.

"No ano de 2012 destacaria o aumento do custo de produção como um dos grandes desafios enfrentados pelos produtores, decorrente da menor safra americana de grãos e sua importância na oferta mundial".

Naturalmente que situações como essa exigem respostas, mobilização e ações estruturantes. Assim, temos percebido um movimento de indústrias e produtores buscando uma solução conjunta e que normalmente passam pelas questões de produtividade do nosso rebanho e qualidade do produto, diretamente relacionadas aos custos de produção dos produtores e das indústrias, respectivamente. Como as indústrias, produtores e governo podem construir um arranjo para aumentar nossa produtividade por animal e incrementar o teor de sólidos no leite, o que tem sido objeto

de reuniões em que participamos ao longo do ano, pois existe um entendimento de que se não houver este esforço, a sustentabilidade do setor estará seriamente ameaçada.

O papel que cabe ao governo federal é facilitar para que as mudanças necessárias ocorram e para isto o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) definiu em seu último Plano Agrícola e Pecuário algumas linhas de financiamento bem focadas no aumento da produtividade e qualidade do nosso produto. É possível financiar compra de matrizes e reprodutores, embriões, recuperação e irrigação de pastagens, aquisição de tanques de resfriamento e recursos para comercialização da produção, com juros máximos de 5,5% ao ano.

Temos a plena convicção da importância deste setor e do potencial que dispomos para aumentarmos nossa produção e atender a crescente demanda interna e ainda gerarmos divisas com exportação, para tanto estamos avançando cada vez mais na busca da excelência na produção e na qualidade do nosso produto. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento continuará seu diálogo com o setor e a buscar ajustar nossas políticas às reais necessidades dos produtores de leite do nosso país.

"Temos percebido um movimento de indústrias e produtores buscando uma solução conjunta e que normalmente passam pelas questões de produtividade do nosso rebanho e qualidade do produto, diretamente relacionadas aos custos de produção dos produtores e das indústrias, respectivamente".

Oportunidades e desafios da cadeia produtiva

*Denís Ribeiro e Amílcar Lacerda

*Responsáveis pelo Departamento de Economia da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia)

Um dos mais promissores segmentos da indústria da alimentação, o setor de laticínios tem tudo para alcançar, ainda em 2012, a segunda ou a terceira melhor performance da área de alimentos processados, em termos de faturamento. Somente carnes e café/cereais podem superar a indústria de lácteos, neste ano.

Apesar da solidez do segmento, a insuficiente oferta de matéria-prima pode comprometer uma expansão ainda maior da indústria de laticínios, que seria estimulada, principalmente, pela incorporação de novos consumidores ao mercado de lácteos.

O lento crescimento da produção de leite ordenhado com

qualidade adequada para o processamento, que tem registrado evolução de 4% a 5% ao ano, e restrições à importação de leite em pó têm elevado os preços dos derivados lácteos e limitado o desempenho do setor.

De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as importações de produtos acabados, como manteiga e leite longa vida (UHT), vêm crescendo em 2012, enquanto matérias-primas e ingredientes lácteos têm entrado no país em volumes menores, contrariando o desejo do Governo Federal de transformar o Brasil em um grande exportador de produtos com alto valor agregado.

Produção e Consumo de Leite no Brasil															
ANO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012 (p)	2013 (e)	2014 (e)
LEITE (em 1 000 000 l)															
PRODUÇÃO	22.014	22.719	22.812	22.652	23.502	24.660	26.189	27.032	27.692	28.689	30.164	31.611	33.066	34.695	36.434
Var. (%)	2,9	3,2	0,4	-0,7	3,8	4,9	6,2	3,2	2,4	3,6	5,1	4,8	4,6	4,9	5,0
IMPORTAÇÃO (1)	1.765	771	1.433	562	372	478	572	373	475	945	836	1.318	1.304	1.565	2.000
Var. (%)	-23,6	-56,3	86,0	-60,8	-33,8	28,5	19,6	-34,8	27,3	98,9	-11,5	57,7	-1,1	20,0	27,8
EXPORTAÇÃO (1)	42	68	142	185	393	490	446	624	1008	311	200	128	108	113	119
Var. (%)	107,1	60,3	110,3	30,0	113,1	24,7	-9,1	39,9	61,6	-69,1	-35,7	-36,0	-16,0	5,0	5,0
VENDAS INTERNAS	23.737	23.422	24.103	23.029	23.480	24.648	26.315	26.781	27.158	29.322	30.799	32.801	34.262	36.146	38.315
Var. (%)	0,20	-1,33	2,91	-4,45	2,0	5,0	6,8	1,8	1,4	8,0	5,0	6,5	4,5	5,5	6,0
CONSUMO PER CAPITA (em l/hab)	140,0	135,6	137,6	129,7	130,5	135,4	142,8	143,6	143,9	153,5	159,4	167,8	173,3	180,3	188,4
Var. (%)	-1,6	-3,1	1,5	-5,8	0,6	3,7	5,5	0,6	0,2	6,7	3,9	5,3	3,3	4,0	4,5
POPULAÇÃO (em milhões de hab)	169,59	172,69	175,14	177,63	179,93	182,09	184,30	186,53	188,78	191,07	193,25	195,45	197,68	200,48	203,33
Fonte: Depto Econômico ABIA, Secex, Pesquisa Conjuntural ABIA.															
(P) Preliminar															
(E) Valores Estimados															
(1) em litro equivalente															

"Somente carnes e café/cereais podem superar a indústria de lácteos, neste ano".

Neste cenário, a produção física da indústria de lácteos, que crescia 6,5% no primeiro trimestre deste ano, acumula crescimento de apenas 4,6% de janeiro a setembro de 2012.

As perspectivas para 2013 indicam uma continuidade do bom crescimento da demanda dos consumidores, estimulado pela redução nas taxas de juros e melhoria nas condições macroeconômicas, que possibilitarão o aumento de renda e emprego no Brasil.

Para que a cadeia produtiva de lácteos aproveite essa janela de oportunidades, no entanto, é fundamental que o Governo, os agentes reguladores e os atores envolvidos em cada elo do processo de produção encontrem soluções para

ampliar a oferta de produtos e, assim, fortalecer ainda mais a pecuária e a agroindústria brasileira.

"As perspectivas para 2013 indicam uma continuidade do bom crescimento da demanda dos consumidores, estimulado pela redução nas taxas de juros e melhoria nas condições macroeconômicas, que possibilitarão o aumento de renda e emprego no Brasil".

0 mercado do leite em Alagoas e as perspectivas para 2013

*História e visão da CPLA (Cooperativa de Produção Leiteira de Alagoas),
Aldemar Monteiro

**Presidente da CPLA (Cooperativa de Produção Leiteira de Alagoas)*

Em 4 de abril de 2001, a CPLA surgiu com o objetivo de fortalecer e organizar a cadeia produtiva do leite do estado de Alagoas e atender uma grande necessidade: trazer os pequenos laticínios do estado e pequenos e médios produtores, que estavam excluídos, pagando uma remuneração mais justa e a valorizando seu trabalho com critérios e seriedade. Em 11 anos de atividade, a diretoria da cooperativa decidiu abranger ainda mais a sua área de atuação e passou de 53 para mais de 300 cooperados e 27 associações, somando-se a um total aproximado a 2.300 produtores ligados à CPLA, tornando-se uma cooperativa de agricultores familiares. Passo que não foi em vão, pois o pólo da bacia leiteira de Alagoas é considerado um dos mais abrangentes na produção de leite in natura na região Nordeste. Formada por mais de 12.500 produtores rurais, que geram mais de 30 mil empregos diretos e indiretos sua produção atinge as principais capitais do Nordeste e algumas no Sudeste Brasileiro.

A cooperativa tem parcerias com entidades ligadas ao desenvolvimento do setor produtivo do Brasil como o Ministério da Agricultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Secretaria Estadual da Agricultura, Associação de Criadores de Alagoas (ACA), Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura (FETAG), Sindicato Rural da Bacia Leiteira de Alagoas (SINDILEITE), Sindicato das Indústrias e Laticínios do Estado de Alagoas (SILEAL), Federação da Agricultura e Pecuária no Estado de Alagoas (FAEAL) e Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Alagoas (Sebrae/AL) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de Alagoas (Senai), responsável por um dos maiores eventos da cadeia produtiva do leite no nordeste, o Proleite.

Fortalecendo o cooperativismo e o associativismo, a CPLA busca produtores, “agricultores familiares”, nos municípios de Alagoas, organizando-os, fortalecendo-os e transformando de pequenos a unidos e fortes produtores de leite, valorizando o agricultor familiar, criando e mostrando as possibilidades de desenvolvimento através de programas como o “Balde Cheio” e, com ajuda de alguns parceiros, SEAGRI, MAPA e SEBRAE, mantemos alguns núcleos e difundimos a tecnologia a diversos outros produtores, fixando assim o agricultor familiar ao campo, gerando oportunidades e mostrando que é possível produzir leite com qualidade e tecnologia nas condições de produção possíveis àqueles produtores.

O ano de 2012 trouxe ao mercado do leite novos desafios, nunca tivemos preços pagos pelo leite tão bons, porém os custos de produção subiram em uma velocidade igual ou superior a dos preços pagos nesta corrida do custo e benefício na produção leiteira. Como se não bastasse esta situação da relação custo x benefício, em 2012, no Nordeste, passamos por seca tão severa quanto à vivida entre 1992/1993. Os agravos da seca expõem os produtores às difíceis situações, alimento para o rebanho é possível ser produzido, mas a água não se produz, se compra ou espera que ela chegue, pior, é necessária para a produção do alimento ao rebanho e a população.

Mais uma vez, temos o associativismo e o cooperativismo como ferramentas a fim de minimizar os agravos de intempéries provocadas por situações de mercado ou climáticas. A CPLA juntamente com seus parceiros e fundamentada pelo sentimento cooperado tem efetuado ações que minimizam tais agravos, como: sistemas de compra de insumos em conjunto, distribuição do bagaço de cana como suporte alimentar, lastro financeiro através da comercialização do leite, dentre diversas outras ações.

O mercado do leite sofre em função de diversas interferências, seguindo da clandestinidade à fraude. Infelizmente, são situações expostas em todo o mundo, não é mérito específico em nenhuma região produtiva. Existe uma necessidade contínua de fiscalização e fluxo de informações, como o tamanho do rebanho leiteiro e sua capacidade de produção, cadastro pecuário bem fundamentado, pois assim é possível avaliar as necessidades de ações e definições de políticas públicas para a fundamentação da atividade produtiva em cada região. As instalações de indústrias em estados vizinhos fizeram com que muito do leite produzido em nosso estado saia de Alagoas, seja beneficiado e retorne às gôndolas de supermercados. Alagoanos gerando divisas nos estados que foram beneficiados.

O “Programa do leite” é uma das ações sociais mais eficientes, com a fixação do produtor ao campo e levando a comunidades carentes um alimento dos mais completos. Porém enxergamos a necessidade de adaptações do programa às oscilações do mercado. Um bom exemplo está no preço do leite, em que as indústrias parceiras e participantes do programa fazem malabarismos para manter os produtores, seus fornecedores ao programa, garantindo o preço de mercado e o pagamento semanal.

As perspectivas para o 2013 estão voltadas às condições climáticas. Em 2012, estamos enfrentando uma das piores secas do nordeste, situação climática comum, porém a memória do produtor é curta e as oscilações climáticas, por não serem muito rotineiras, interferem no planejamento e o resultado de produção é prejudicado. Nesse quadro, aquele que conseguiu armazenar alimento e água com o momento de mercado, onde a demanda de leite irá aumentar, terá melhores preços e quem for eficiente se beneficiará. Outro ponto a ser observado está no consumo de leite, pois ano a ano, verificamos o aumento no consumo e na produção. Até meados de 2010, o excedente de produção de outros estados invadia o mercado local com preços ao consumidor bastante atraente, minimizando o consumo do leite produzido no Nordeste e a conseqüente redução de preço. A capacidade de pagamento e o consumo do brasileiro mudaram e os preços de produtos em cada região estão mais próximos, minimizando a invasão de produtos de outras regiões ao ponto de interferir nos mercados locais.

Consumo

Dados Ipsos Marplan

Fonte: Ipsos Marplan Pesquisas Ltda.

SiSEM Suite - Tabulação

Mercado: Todos Mercados

Filtro: Ambos 15+ anos

Ranking: OP Decrescente

Total do Universo (em mil): 50221 Amostra do Filtro: 39662

		I - EGM - Estudos Marplan - 2012 - Janeiro a Setembro-2012	
		Total Geral	Consumo de Produtos Lácteos
Em mil pessoas			
Universo no filtro			
Abs		45567	40933
%H		100	90
Mercado - Grande São Paulo		ABS 13236	11947
		% 100	90
Mercado - Grande Rio de Janeiro		ABS 8786	7923
		% 100	90
Mercado - Grande Recife		ABS 2565	2283
		% 100	89
Mercado - Grande Porto Alegre		ABS 2546	2335
		% 100	92
Mercado - Grande Salvador		ABS 2487	2174
		% 100	87
Mercado - Grande Belo Horizonte		ABS 3570	3266
		% 100	91
Mercado - Grande Curitiba		ABS 2093	1867
		% 100	89
Mercado - Brasília/DF		ABS 1983	1841
		% 100	93
Mercado - Grande Fortaleza		ABS 2369	1984
		% 100	84
Mercado - Grande Vitória		ABS 1188	1096
		% 100	92
Mercado - Grande Florianópolis		ABS 700	605
		% 100	87
Mercado - Grande Goiânia		ABS 1589	1390
		% 100	87
Mercado - Interior de São Paulo		ABS 2456	2221
		% 100	90

Leitura:

Da população 15+ anos pesquisada no mercado de Porto Alegre no período de Janeiro a Setembro de 2012, 92% consomem algum tipo de produto lácteo.

Composição da Variável

Consumo de Produtos Lácteos: consomem manteiga, margarina, queijos, leite longa vida/de caixa, leite em pó, leite comum, creme de leite comum/diet/light, leite condensado comum/diet/light, iogurte comum/diet/light, leite aromatizado, requeijão comum/diet/light.

Fonte Ipsos: Estudos Marplan EGM - Next Gen - Janeiro a Setembro/2012 - 13 Mercados - Filtro: População 15+ anos (45.567.000).

SISEM Suite - Tabulação
Mercado: Todos Mercados
Filtro: Ambos 15+ anos
Ranking: OP Decrescente

Período	Total do Universo (em mil):	Amostra do Filtro:
I - EGM - Estudos Marplan - 2012 - 1º Trimestre 2012	50119	13204
I - EGM - Estudos Marplan - 2012 - 2º Trimestre 2012	50127	13233
I - EGM - Estudos Marplan - 2012 - 3º Trimestre 2012	50133	13226

	Marplan - 2012 - 1º Trimestre 2012	I - EGM - Estudos Marplan - 2012 - 2º Trimestre 2013	Marplan - 2012 - 3º Trimestre 2013
Em mil pessoas	Consumo de Produtos Lácteos	Consumo de Produtos Lácteos	Consumo de Produtos Lácteos
Uníversono filtro - 13 Mercados			
Abs	40692	40642	41201
%H	89	89	91
Mercado - Grande São Paulo	91	89	91
Mercado - Grande Rio de Janeiro	88	90	92
Mercado - Grande Recife	87	91	88
Mercado - Grande Porto Alegre	91	91	92
Mercado - Grande Salvador	90	89	83
Mercado - Grande Belo Horizonte	89	92	93
Mercado - Grande Curitiba	90	86	90
Mercado - Brasília/DF	93	93	93
Mercado - Grande Fortaleza	83	83	86
Mercado - Grande Vitória	91	91	94
Mercado - Grande Florianópolis	87	86	87
Mercado - Grande Goiânia	87	87	88
Mercado - Interior de São Paulo	93	87	91

Leitura:

Da população 15+ anos pesquisada no mercado do Rio de Janeiro no 3ºTrimestre de 2012, 92% consomem algum tipo de produto lácteo.

Composição da Variável

Consumo de Produtos Lácteos: consomem manteiga, margarina, queijos, leite longa vida/de caixa, leite em pó, leite comum, creme de leite comum/diet/light, leite condensado comum/diet/light, iogurte comum/diet/light, leite aromatizado, requeijão comum/diet/light.

Fonte Ipsos1: Estudos Marplan EGM - Next Gen - 1º trimestre 2012 - 13 Mercados - Filtro: População 15+ anos (45.472.000).

Fonte Ipsos2: Estudos Marplan EGM - Next Gen - 2º trimestre 2012 - 13 Mercados - Filtro: População 15+ anos (45.468.000).

Fonte Ipsos3: Estudos Marplan EGM - Next Gen - 3º trimestre 2012 - 13 Mercados - Filtro: População 15+ anos (45.487.000).

Mercado

Dados Data Market Intelligence Brasil

CREME DE LEITE						
Ano	Toneladas	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	253.811	100,0%		1.148	100,0%	
2011	258.967	102,0%	2,0%	1.171	102,0%	2,0%
2012	281.372	110,9%	8,7%	1.272	110,9%	8,7%

QUEIJOS						
Ano	Toneladas	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	714.708	100,0%		7.352	100,0%	
2011	737.419	103,2%	3,2%	7.375	100,3%	0,3%
2012	790.323	110,6%	7,2%	7.884	107,2%	6,9%

IOGURTES & SOBREMESAS REFRIGERADAS						
Ano	Toneladas	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	1.005.666	100,0%		3.005	100,0%	
2011	1.009.239	100,4%	0,4%	3.024	100,7%	0,7%
2012	1.027.737	102,2%	1,8%	3.086	102,7%	2,0%

LEITE (exclui leite em pó)						
Ano	Milhões litros	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	7.094	100,0%		7.907	100,0%	
2011	7.434	104,8%	4,8%	8.395	106,2%	6,2%
2012	7.622	107,5%	2,5%	8.669	109,6%	3,3%

LEITE (exclui leite em pó)						
Ano	Milhões litros	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	7.094	100,0%		7.907	100,0%	
2011	7.434	104,8%	4,8%	8.395	106,2%	6,2%
2012	7.622	107,5%	2,5%	8.669	109,6%	3,3%

MARGARINA & MANTEIGA						
Ano	Toneladas	Índice	%	US\$ milhões	Índice	%
2010	715	100,0%		2.291	100,0%	
2011	705	98,7%	-1,3%	2.316	101,1%	1,1%
2012	713	99,7%	1,0%	2.343	102,3%	1,2%

Cadeia de Produtos: Tendências e Perspectivas

¹Antonio Fernandes de Carvalho, ²Ítalo Tuler Perrone e ³Laura Fernandes Melo Correia

¹Diretor do InovaLeite e professor do DTA, da UFV (Universidade Federal de Viçosa)

^{2 e 3}Professores do DTA (Departamento de Tecnologia de Alimentos) UFV (Universidade Federal de Viçosa)

O ano de 2012 começou com a entrada em vigor da IN 62 (Instrução Normativa nº62, do MAPA), que atualiza alguns dos parâmetros apregoados pela IN 51, flexibilizando as exigências relacionadas à qualidade do leite. Mesmo com as modificações propostas e com o dilatamento do prazo de atendimento das normas, muitos especialistas acreditam que grande parte dos produtores não conseguirá atendê-las.

Segundo Guilherme Nunes de Souza, pesquisador da Embrapa Gado de Leite, o cumprimento das exigências no prazo estabelecido pelo governo federal ainda é um grande desafio para a pecuária. Souza acrescentou que “no Brasil, cerca de 50% dos rebanhos de gado de leite registram mais de 400 mil células somáticas por mililitro no leite, ou seja, volume acima do permitido na IN 62. Os produtores têm somente até 2016 para conseguir diminuir isso. O Reino Unido, por exemplo, demorou 22 anos para diminuir o índice de mastite no rebanho”, frisou o especialista da Embrapa.

Como exigido pelo MAPA e demonstrado por inúmeros trabalhos, a qualidade do leite influencia fortemente a qualidade dos derivados lácteos. Neste sentido, tem sido observado o investimento maciço de grandes empresas, algumas das quais multinacionais, para melhorar esta qualidade, apostando nos resultados do investimento, isto é, obtenção de produtos de alta qualidade, com elevado valor de mercado.

Atualmente, o produto lácteo que consome maior volume de leite é o queijo, acarretando em um grande volume de soro no país. Historicamente, este coproduto era utilizado na produção de bebidas lácteas, doce de leite, soro em pó, ricota e, principalmente, destinado à alimentação animal. Recentemente, as empresas têm buscado produtos derivados do soro, com alto valor agregado. O ano de 2012 marca um grande avanço nesta área por meio da produção de concentrado proteico de soro no território nacional, produto no qual o país era, exclusivamente, dependente da importação. Como exemplo, cita-se a formação da *joint venture* entre a BRFoods e o grupo irlandês Carbery, que se dedicará à produção de ingredientes nutricionais de alto valor agregado, usados no processo de fabricação de alimentos infantis e alimentação esportiva. Segundo Otávio A. C. de Farias, especialista no mercado de lácteos e ingredientes do leite e dono da consultoria Alliance Commodities – Brasil, “só o mercado de proteínas do soro de leite movimenta anualmente cerca de US\$ 3,8 bilhões”.

As proteínas do soro podem ser obtidas pela utilização da ultrafiltração, técnica de separação por membranas que, combinada com a operação de diafiltração, resulta em proteínas purificadas e concentradas. Outro indicativo do grande interesse das indústrias nestes processos de separação dos constituintes do soro foi a grande procura pelos treinamentos realizados na Universidade Federal de Viçosa, através do Centro de Referência em Técnicas de Membranas/InovaLeite, tendo capacitado, recentemente, profissionais de 20 indústrias de laticínios.

No ano de 2012, o congresso da Federação Internacional de Laticínios, realizado em Cape Town na África do Sul, teve como temas abordados o interesse no aumento da cooperação internacional visando à valorização dos produtos lácteos, dos ingredientes, do conhecimento e do atendimento às necessidades dos futuros consumidores de leite e derivados.



Uma tendência apresentada no evento foi a adoção de tecnologias limpas, ou seja, que não geram ou que minimizam a geração de resíduos. Segundo Stock et al. (2012), a adoção destas tecnologias para a produção de requeijão contribui para a minimização ou eliminação total do soro ácido quando comparado ao processo tradicional de fabricação. Desta forma, o emprego de tecnologias limpas apresenta-se como tendência global de produção contribuindo para a sustentabilidade da cadeia de produtos lácteos.

Dentre as perspectivas para o setor de leite e derivados, estão o aumento da demanda por lácteos, consequência do aumento da renda. De acordo com o diretor sênior de política da FAO (Food and Agriculture Organization), Michael Griffin, “...à medida que as pessoas têm maiores rendas, elas tendem a consumir mais produtos, incluindo os lácteos”. Griffin também afirmou que a explosão do consumo fará com que países em desenvolvimento, em breve, produzam a maioria do leite mundial. Segundo o diretor, “...o alcance de produtos e a forma como o leite é consumido, diretamente como bebida ou como produtos lácteos, poderá mudar substancialmente nos próximos anos”.

No ano de 2013, além da evolução da área de produtos lácteos concentrados e desidratados, as empresas passarão por modificações na rotulagem dos seus produtos conforme a RDC 54 de 12 de novembro de 2012 da ANVISA. Os principais termos de alegações nutricionais que sofrerão modificações são light, baixo, rico e não contém, sendo que as indústrias terão até 1º de janeiro de 2014 para realizarem as alterações.

O Cooperativismo na Cadeia do Leite em Minas Gerais

*Marco Tulio Borgatti

Engenheiro Agrônomo Gerente Técnico do Sistema Ocemg - O Sistema Ocemg é formado pela junção de duas importantes instituições: o Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg), órgão de representação política, patronal e de defesa do cooperativismo no Estado; e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo de Minas Gerais (Sescoop-MG), responsável pelas atividades de formação profissional, monitoramento e promoção social das diversas cooperativas de Minas. A Ocemg ainda integra a Federação dos Sindicatos das Cooperativas dos Estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Santa Catarina (Fecoop-Sulene).

As primeiras cooperativas agropecuárias surgiram na década de 40, constituídas por produtores de café, tendo a Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé Ltda. tendo recebido sua autorização de funcionamento em 18 de setembro de 1932, segundo Registro da Junta Comercial.

O ano de 1943 foi fortemente marcado pelo surgimento das Cooperativas Agropecuárias de Sossego Ltda. da cidade de Santana do Deserto; Mista dos Plantadores de Cana de Minas Gerais; da cidade de Ponte Nova e de Produtores de Leite de Leopoldina de Responsabilidade Ltda. A Cooperativa Agropecuária de Machado e a Cooperativa Agropecuária de Responsabilidade Ltda. foram registradas em 1944.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial houve um surto de movimento cooperativista no estado, com o surgimento das cooperativas de leite de Esmeraldas, Sete Lagoas, Pará de Minas, Além Paraíba e Cataguases.

A Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais Ltda. – CCPR (ITAMBÉ) foi fundada em 10 de agosto de 1948, mas só foi instalada oficialmente em 1º de maio do ano seguinte.

O restabelecimento do comércio internacional deu uma alavancada nas cooperativas de produção agrícola, principalmente nas de café (GAWLAK e TURRA, 2002).

No fim dos anos 60 e início dos anos 70, houve uma diminuição no número de cooperativas devido à intervenção do INCRA, incorporando cooperativas menores e/ou inviáveis pelas maiores ou maiores economicamente (JUVÊNCIO, 2000).

Isso mostra que naquela época já havia um programa de fusões e incorporações para que as cooperativas se reestruturassem empresarialmente, para que pudessem competir no mercado.

Desde 2003, 40% da produção de leite inspecionado no Brasil, é captado por cooperativas. Sendo que em 2005, cinco das dez maiores empresas captadoras de leite eram cooperativas. Mas em outros países a captação de leite por cooperativas é muito maior que a brasileira, como a Nova Zelândia com 99% e os Estados Unidos com 83% (CARVALHO, 2007).

Atualmente existem mais de 100 cooperativas de produtores de leite registradas no Sistema Ocemg, com cerca de



100 mil associados e mais de três mil empregados, produzindo 3 milhões de litros de leite ao ano, representando um terço do leite produzido no país. Isto mostra a importância social e a forte ligação do cooperativismo mineiro na cadeia produtiva do leite, porém com uma tendência à perda de competitividade, pois atuam no mercado onde existem empresas que tem médias diárias elevadas de captação de leite por produtor (OCEMG, 2012).

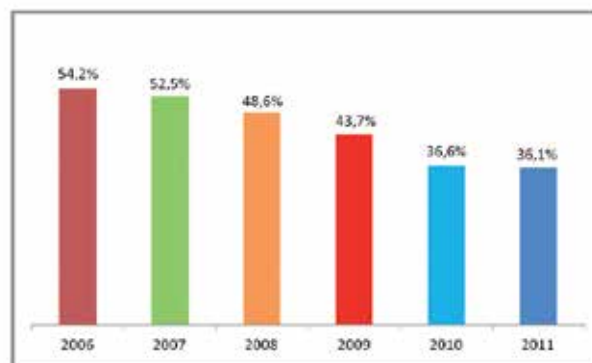
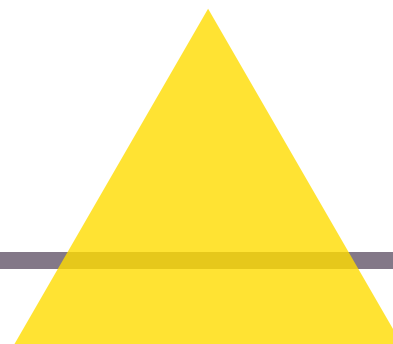


Fig. 1 – Participação das cooperativas na captação de leite do Estado
Fonte: Ocemg



O cooperativismo de leite mineiro vem passando por dificuldades para se adequar à nova realidade do mundo globalizado. Com a abertura de mercado várias empresas multinacionais se instalaram em Minas Gerais concorrendo com as cooperativas na captação de leite.

A falta de profissionalismo na gestão, infidelidade do associado aliado à falta de economia de escala e de escopo também colocam as cooperativas em situação de desvantagem em um mercado cada vez mais competitivo. Aliado a isso a dificuldade de acesso ao crédito devido à situação de inadimplência das cooperativas e seus associados e o fato dessas agirem isoladamente pioram cada vez mais esse quadro.

E mais recentemente as cooperativas vêm perdendo competitividade por estarem arcando com o ônus de manter em seu quadro social os pequenos produtores que têm um maior custo de captação, baixa qualidade do leite e geralmente estão localizados em propriedades de difícil acesso. E ainda sofrendo com a migração dos médios e grandes produtores para as grandes empresas.

O que poderia melhorar a competitividade dessas cooperativas seria a formação de alianças estratégicas, formando ou não uma estrutura federada de maneira que se diminuíssem os custos e consequentemente pagando um melhor preço ao produtor e até gerando mais sobras ao final do exercício (BORGATTI, 2009).

Tem se observado também a mudança no aumento da participação do objetivo na receita das cooperativas em detrimento do objeto (atividade principal) da cooperativa.

O cooperativismo de leite vem diminuindo sua participação na captação de leite no estado pela perda de competitividade com a migração dos médios e grandes produtores (acima de 200 litros) para os laticínios particulares, ficando para o setor cooperativista o ônus social de manter em seu quadro de associados os pequenos produtores. Estes por sua vez têm um maior custo de captação, estão em propriedades de mais difícil acesso e muitas vezes produzem um leite de qualidade inferior.

A Legislação vigente prevê um mínimo de 70% de cooperados da Agricultura Familiar (com declaração de Aptidão ao Pronaf – DAP Pessoa Física) para que a cooperativa obtenha a DAP Jurídica.

A redução deste critério para 50% facilitaria seu enquadramento, dando acesso às linhas de crédito com juros mais baratos dos programas do Plano Safra da Agricultura Familiar.

Outro critério de enquadramento para obtenção de DAP pessoa Física é o número de Módulos Fiscais¹ que a propriedade possui e atualmente é de no máximo quatro.

A mais importante solução para o cenário atual seria o investimento da cooperativa em assistência técnica para aumentar a produtividade destes pequenos produtores evitando que sejam alijados da cadeia produtiva. Existem projetos como Educampo, Minas Leite e Balde Cheio que têm feito grandes avanços com produtores em parceria com as cooperativas. Porém, se esta ação for realizada sem um programa de fidelização do cooperado, a cooperativa corre o risco de perder este produtor para o mercado quando ele mudar de faixa de produção e melhorar a qualidade do seu produto.

A fidelização do cooperado tem que ser bem trabalhada, pois atualmente por estarem em situação difícil eles utilizam os serviços das empresas que oferecerem o melhor preço do leite. Desta forma as cooperativas têm que ser suficientemente competitivas para pagarem um preço melhor que o da concorrência e ainda fazer uma distribuição de resultados.

A melhoria da comunicação entre o associado e a cooperativa é também uma ferramenta que poderia ser mais bem utilizada como: convenções anuais, comunicação pessoal com os diretores e gerentes da cooperativa, comunicação eletrônica por meio de Internet e e-mails, programas de treinamento e educação cooperativista, equipes de campo prestando assistência técnica.

Outra solução viável para manter o pequeno produtor no campo seria o investimento na diversificação das atividades na propriedade rural, o que também demandaria assistência técnica.

¹Módulo fiscal é uma unidade de medida agrária usada no Brasil, instituída pela Lei nº 6.746, de 10 de dezembro de 1979. É expressa em hectares e é variável, sendo fixada para cada município, levando-se em conta: tipo de exploração predominante no município; a renda obtida com a exploração predominante; outras explorações existentes no município que, embora não predominantes, sejam expressivas em função da renda ou da área utilizada; conceito de propriedade familiar.

Cooperativismo: Da defesa ao ataque

*Jacques Gontijo

*Diretor-presidente da CCPR/Itambé

A Universidade de Missouri oferece anualmente um concorrido curso sobre liderança em cooperativismo, para dirigentes de todas as áreas da economia como petróleo, turismo, saúde, educação e dos diversos ramos do agronegócio americano e de outros países. Portanto, participar desse grupo permite a troca de experiências entre líderes com diferentes visões de negócio, num só lugar. A dinâmica do curso é interessante, pois intercala análises de casos concretos de cooperativas com abordagens teóricas. Exemplificando, o dia pode começar com o relato da trajetória de uma cooperativa distribuidora de petróleo do Novo México, por exemplo. Depois que seu dirigente expõe a história da cooperativa, a plateia debate com ele os problemas, seus conflitos e como conseguiram transformar situações difíceis em oportunidades para crescer. Em seguida, vem a reflexão teórica do professor sobre as questões tratadas naquele exemplo.

Em 2005, participei desse curso liderado pelo professor Michael Cook, a principal referência em cooperativismo no mundo. Já o admirava pelos seus textos e, ao conhecê-lo, percebi como ele tem a rara capacidade de conciliar teoria e prática, tornando tudo muito objetivo, direto e simples, como eu sempre gostei. Baseado nesta experiência, pedimos à Fundação Dom Cabral para desenvolver um curso voltado para os dirigentes das nossas 31 cooperativas singulares, que contou com professor José Paschoal Rossetti, o renomado especialista brasileiro em Governança Corporativa. A ideia foi criar um ambiente para que nós pudéssemos refletir sobre os desafios que precisam ser enfrentados pelo cooperativismo brasileiro e pela CCPR/Itambé, em especial.

Nos EUA, na Europa e na Oceania, as cooperativas de leite detêm a maior parcela dos seus mercados. No Brasil, nos anos setenta, as cooperativas ocupavam cerca de 70% do mercado. Todavia, em 2002 detínhamos apenas 40% do leite captado e cerca de 30% dos produtos ofertados ao consumidor. Não vejo fatos novos que tenham mudado esta tendência. Ao contrário, o mercado de laticínios tem se mostrado muito difícil nos últimos três anos, com margens de comercialização cada vez mais reduzidas, afetando as cooperativas.

Estou na diretoria da CCPR/Itambé desde 1993, após seis anos tendo assento no seu Conselho de Administração. Até o início de 2008, exerci o cargo de vice-presidente comercial e, a partir daí, estou como seu diretor-presidente. Antes, entre diretor e presidente, por dez anos estive à frente de uma cooperativa singular. Durante todos esses 29 anos, eu participei ativamente de todas as transformações que ocorreram no nosso setor e, em especial, na CCPR/Itambé, desde a época em que tínhamos de negociar preços do leite em Brasília, que por muito tempo usou o nosso setor para combater aquela inflação que parecia incontrolável. Tudo o que vivi me dá a certeza que o cooperativismo é uma estratégia eficiente e competente para agregar valor à matéria prima do cooperado. Mas, no Brasil, tem desafios próprios, que afetam a sua competitividade.

O mercado de leite brasileiro está cada vez mais disputado e as empresas, cooperativas ou não, precisam crescer e se modernizar continuamente. Precisam aumentar sua participação no mercado e inovar para aumentar suas margens, cada vez mais estreitas. Esta é uma questão de sobrevivência. Todavia, isso somente ocorre com investimentos vultosos, que dependem de capital novo. E, para obter ca-



pital novo as empresas contam com diferentes maneiras. Os controladores podem colocar dinheiro próprio, por exemplo. Também é possível encontrar um novo investidor, que decida entrar para o grupo de controladores e aporte o capital novo para a empresa crescer. Por outro lado, a empresa pode decidir abrir o capital e buscar dinheiro novo no mercado de ações. Há, ainda, a possibilidade da participação de bancos de fomento, como o BNDES, na condição de sócios minoritários. Em todas estas situações é possível uma empresa obter recursos novos a custo zero, pois estamos falando de capital de risco assumido pelos investidores.

Entretanto, nenhuma dessas opções é disponível para as cooperativas brasileiras. Afinal, seu controlador é o produtor de leite, que não tem recursos suficientes para investir na cooperativa. Também, não é possível abrir o capital da cooperativa, por questões legais. Por outro lado, não existe a possibilidade de se atrair um sócio privado, nem muito menos se construir uma engenharia financeira em que o BNDES seja sócio minoritário, também por questões legais impeditivas.

Neste Ano Internacional do Cooperativismo a CCPR/Itambé completou 64 anos de sucesso, resultante da sua reconhecida eficiência em gestão, uma de suas características marcantes. Tradicionalmente, priorizamos investimentos em ferramentas que assegurem o controle e facilitem a tomada de decisões. Outra característica é o planejamento de longo prazo. Faz parte da nossa cultura o exercício destas características no cotidiano, pois entendemos que somente é possível cumprir os pressupostos cooperativistas quando o negócio da cooperativa é bem gerido, com visão de longo prazo.

Mas, para as cooperativas brasileiras está claro que eficiência não garante competitividade. Refiro-me ao acesso ao dinheiro novo tão necessário para crescer e competir. Nos países em que as cooperativas dominam o mercado este assunto está superado. Com fundos específicos, o fator limitante ao crescimento da cooperativa nunca é o capital. No caso brasileiro, este é um desafio institucional a ser superado. Afinal, é preciso crescer. Para crescer, é preciso investir. Para investir, é preciso capital novo. Mas, como uma cooperativa pode obter capital novo, a não ser recorrendo aos empréstimos bancários? O professor Michael Cook ensina que as cooperativas sempre surgem em momentos difíceis, como uma reação de defesa. Mas, para sobreviver e cumprir seu papel social, a defesa não é o bastante, pois é preciso ir ao ataque!

Balanço e perspectivas para o setor

*Geraldo Alvim Dusi

*Gerente Executivo do Polo de Excelência de Leite e Derivados

O ano de 2012 foi muito produtivo para o setor lácteo do país. Foi um ano de importantes avanços e conquistas. No âmbito da qualidade do leite, percebemos que estamos avançando significativamente. Produtores e laticínios estão cada vez mais conscientes sobre a importância da adoção das boas práticas de produção e na fabricação leiteira. O setor já reconhece que para se manter no mercado competitivo é imprescindível investir na melhoria da qualidade do leite, de modo a ofertar um produto diferenciado e com alto valor agregado.

Nesse sentido, programas de capacitação como o Sistema Mineiro de Qualidade do Leite (SMQL) - iniciativa desenvolvida pelo Polo de Excelência de Leite e Derivados e com apoio do Governo de Minas Gerais - tem auxiliado as indústrias laticinistas a elaborarem um programa de educação contínua junto aos seus produtores, visando atender as normas estabelecidas pela Instrução Normativa nº 62.

Com um baixo investimento para a implantação de tais iniciativas e a adoção de técnicas simples, como o Cinturão da Qualidade (instrumento com espaços reservados para produtos higienizantes e papel-toalha utilizado no momento da ordenha), é possível reduzir significativamente a Contagem Bacteriana Total (CBT), atingindo padrões observados nos grandes produtores internacionais. Com a adoção das boas práticas, observa-se também uma queda na ordem de 40% na Contagem de Células Somáticas (CCS).

Outra tendência observada e que vem ganhando força ao longo dos anos é o pagamento por qualidade do leite. A política de bonificação já é comum em grande parte das indústrias laticinistas, que buscam, por meio desse incentivo, motivar seus fornecedores a investir em esforços e recursos financeiros para produzir uma matéria-prima com qualidade superior aos demais.

A forma como esse sistema de pagamento é adotado varia entre as empresas do setor. Cada laticínio estabelece seus próprios parâmetros, porém, a CCS, CBT e ausência de resíduos de antibióticos são critérios contemplados na maioria das vezes. Além da bonificação, algumas empresas do setor penalizam aqueles que não atendem aos parâmetros estabelecidos.

"Com a política do pagamento por qualidade do leite, todos os elos da cadeia produtiva saem beneficiados: indústria laticinista, produtor e consumidor".

Com a política do pagamento por qualidade do leite, todos os elos da cadeia produtiva saem beneficiados: indústria laticinista, produtor e consumidor. O laticínio por ter um produto com um índice maior de rendimento e durabilidade nas prateleiras. O produtor pela valorização do preço do leite cru e, consequentemente, ter um ganho extra. E o consumidor por adquirir um produto com qualidade e segurança atestadas.

Embora tenhamos avançado, é importante lembrar que o setor lácteo ainda precisa progredir em muitos campos. Recentemente em Brasília, na 1ª Conferência Nacional do Leite, um documento foi elaborado e entregue ao Governo com todas as demandas da categoria. O setor espera que tais medidas sejam aprovadas e implantadas a partir do próximo ano, o que



irá representar um grande passo para a cadeia produtiva do leite. Assim, terminamos o ano com um grande presságio de avanços significativos para a produção leiteira nacional.

Propostas elaboradas na 1ª Conferência Nacional do Leite:

- Garantir a defesa comercial do mercado lácteo brasileiro, por meio da renovação do acordo de cotas e preços do leite em pó argentino, incluindo os queijos e o soro de leite; estabelecimento do acordo de cotas e preços para o leite em pó, queijos e soro de leite provenientes do Uruguai; manutenção dos direitos *antidumping* sobre o leite em pó oriundo da União Europeia e da Nova Zelândia e consolidação da TEC em 28%;
- Garantir a implementação da IN 62/2011, priorizando questões de capacitação, pagamento por qualidade, fiscalização e eficiência dos laboratórios da RBQL.
- Assegurar recursos financeiros aos municípios a fim de viabilizar as vias de escoamento da produção; melhorar o abastecimento e a distribuição de energia elétrica e internet banda larga, assegurando oferta constante e regular para produtores e indústrias;
- Assegurar recursos financeiros para a execução dos Programas Sanitários e estruturação de serviços municipais e estaduais de inspeção sanitária de produtos de origem animal, visando à adesão ao SISBI/SUASA, de forma a garantir a qualidade e segurança do alimento nacional;
- Revisar os marcos regulatórios do setor lácteo, em especial o RIISPOA;
- Viabilizar a utilização dos créditos do PIS/COFINS para custeio e investimento em programas de capacitação de produtores, modernização do parque industrial;
- Revisar e ampliar as políticas de apoio à comercialização, aquisição de alimentos e alimentação escolar, observando as peculiaridades regionais;
- Fortalecer o processo de inovação tecnológica para a cadeia produtiva do leite garantindo recursos orçamentários, sem cortes, e a criação de um fundo setorial específico;
- Reestruturar, fortalecer e ampliar o sistema brasileiro de assistência técnica e extensão rural público e privado, estabelecendo convênios e parcerias com entidades afins (SENAR, SEBRAE, EMBRAPA, OEPAS, EMATER, outras instituições de ATER, SDC/MAPA, MDA, universidades e Indústrias de laticínios) voltadas à capacitação e assistência técnica e gerencial da cadeia produtiva do leite e derivados;
- Criar sistema unificado de dados e estatísticas para fundamentar tomadas de decisão.
- Estabelecer ações compensatórias aos produtores de leite devido aos custos ambientais;
- Promover o associativismo e cooperativismo no setor lácteo com intuito de fomentar a organização dos produtores e trabalhadores;
- Criar o Conselho Nacional do Leite.